

Manifestações da Cultura Popular em Januária (MG): levantamento preliminar

Iara Toscano Correiaⁱ - CEIVA

(...)À Januária eu ia, mas Diadorim, ver o vapor chegar com o apito, a gente esperando toda no porto. Ali, o tempo, a rapaziada suava, cuidando nos alambiques, como perfeito se faz. Assim essas cachaças – a vinte-e-seis cheirosa – tomando gosto e cor queimada nas grandes domas de umburana (João Guimarães Rosa – Grande Sertão Veredasⁱⁱ)

Este artigo tem por objetivo divulgar os resultados parciais do levantamento sobre as manifestações da cultura popular na cidade de Januária. Apesar da pesquisa se encontrar em uma fase preliminar de levantamento de dados, esperamos poder contribuir com a discussão sobre cultura popular, um tema premente na historiografia contemporânea.

Guimarães Rosa é escritor que descreve, como ninguém, o sertão de Minas Gerais. As suas palavras citadas acima falam da cidade portuária de Januária (MG), localizada às margens do Rio São Francisco, esta cidade que carrega as marcas de múltiplos tempos, que vira escoar do alto das barrancas do grande rio.

A cidade de Januária tem sua colonização marcada pelas incursões de bandeirantes pelo rio São Francisco, em meados do século XVI e início do século XVII. Possui uma extensão municipal muito ampla, devido mesmo a sua forma de ocupação, chegando a ser considerada, em um determinado momento de sua história, um dos maiores municípios do Brasil e de Minas. Nos últimos anos, Januária viu nascer diversos outros municípios que dela se emanciparam. É uma região que já não mais possui um porto. O assoreamento do Velho Chico não permite a navegação de grandes embarcações. Classificada como pertencente ao Polígono das Secas, não porque careça de água, mas por uma construção ideológica útil para os políticos que ganham com a indústria da secaⁱⁱⁱ, possui um dos Índices de Desenvolvimento Humano mais baixos do Brasil, contudo, de uma riqueza histórica, cultural e natural admirável.

Recuando no tempo, há pelo menos, 10.000 anos, essa mesma região fora habitada por outros povos. Os vestígios arqueológicos encontrados nos dão conta da presença de diversos povos que passaram pelo imenso vale que forma o *Opará*^{iv}, o rio mar. Os sítios arqueológicos atestam a presença dessas primeiras sociedades. Foram encontrados e catalogados diversos

abrigos, ossadas, utensílios, ferramentas, armas, urnas funerárias, silos de alimentos, pedras polidas, pinturas rupestres (zoomórficas, geométricas e antropomórficas); vestígios e trilhas que nos ligam aos nossos antepassados. O vale do Peruaçu é um lócus privilegiado em registros dessa natureza, considerado um dos mais importantes sítios arqueológicos e espeleológicos do mundo, hoje transformado em Parque Nacional do Peruaçu.

Essa presença ancestral ainda persiste na figura dos indígenas. Os seus traços culturais, as suas origens, herança dos que sobreviveram ao extermínio, estão presentes e incomodam. Esta é uma história ainda por se fazer, a história dos *povos antigos*. A etnia Xacriabá, povo sobrevivente de inúmeros massacres nesses 500 anos de colonização são os únicos capazes, através de suas lendas, músicas, tradições orais, de nos permitir conhecer esse território de história milenar. A situação atual do povo Xacriabá simboliza o encontro com o homem branco. Após um intenso processo de miscigenação, chegaram a ser considerados inexistentes pela Fundação Rural Minas — órgão do governo responsável pelo levantamento de terras consideradas devolutas —, devido a *descaracterização “biológico-cultural” da população local.*^v Hoje, com as suas terras demarcadas, a partir de nova visão de etnicidade, este povo volta-se ao exercício de busca de suas raízes e à recuperação de antigas práticas culturais. A escola indígena é o lugar institucional de conquista desse resgate. Infelizmente, ao que pudemos notar, nas diversas áreas do conhecimento, pouquíssimos estudos foram realizados nessa região, e o Sertão Mineiro é ainda um lugar desconhecido pelas ciências sociais.

De acordo com Mata-Machado, a cidade de Januária, e toda a região em seu entorno, foi colonizada em dois movimentos que determinaram a sua ocupação: a partir de Pernambuco e da Bahia, através da pecuária que se expandia ao longo das margens do rio São Francisco; e, a partir de São Paulo, onde saíam bandeirantes em busca de riquezas minerais.^{vi}

A pecuária que já era desenvolvida nas regiões costeiras do Brasil, desde o início da sua colonização, foi interiorizando-se, alcançando o "sertão"^{vii}, onde se encontrava a abundância de água, pastagens naturais e terrenos salinos. O gado foi de extrema importância no período colonial, além dos engenhos que o utilizavam como força motriz, serviam para o transporte em pequenas distâncias e como alimento, além disso, o seu couro possuía inúmeras utilidades:

De couro era a porta das cabanas, o rude leito aplicado ao chão duro, e mais tarde a cama para os partos; de couro todas as cordas, a borracha para carregar água, o mocó ou alforge para levar comida, a maca para guardar a roupa, a mochila para milhar cavalo, a peia para prendê-lo em viagem, as bainhas de faca, as broacas e surrões, a roupa de entrar no mato, os banguês para curtume ou para apurar sal; para os açudes, o material de aterro era levado em couros puxados por juntas de bois que calcavam a terra com seu peso; em couro pisava-se tabaco para o nariz.^{viii}

A pecuária era de tipo extensivo, e o gado criado solto:

Nessa região, como no resto da província, o gado passa todo o ano nos campos; não é recolhido aos currais, e colonos existem que, só possuindo dois escravos tem, no entanto, vários milhares de cabeças de gado. (...) O que, torna, aliás, fácil, o trabalho dos vaqueiros, é que o gado vacum adota um lugar fixo para repousar, e escolhe sempre a borda dos pântanos e lugares úmidos. Durante a estação da seca, o gado refugia-se dentro das matas; mas pelo mês de setembro ateia-se fogo às pastagens, uma relva tenra brota dentro em pouco tempo, e então, as vacas saindo de seus esconderijos vão pastar a nova era.^{ix}

Os estudos sobre a interiorização do Brasil colonial registra três bandeirantes responsáveis pela fundação dos primeiros povoados que dariam origem a Januária e região, foram eles Matias Cardoso, Januário Cardoso e Antônio Gonçalves Figueira. Matias Cardoso é apontado na documentação como o responsável pelos primeiros povoados, abrindo novos portos de brigada para suprimentos e eliminação de tribos indígenas.

Já a Januário Cardoso é atribuída a fundação dos arraiais de São Romão e Porto do Salgado, hoje Januária. Antônio Gonçalves Figueira foi responsável pelos povoados de Manga, Barra do Rio das Velhas (hoje Guaicuí) e Formigas (atual Montes Claros). A partir dessa divisão, os familiares paulistas desses bandeirantes vieram para povoar e ocupar as vastas extensões de terra, baseada na propriedade privada latifundiária, patriarcal e com estreitas relações de parentescos.^x Essa rala população branca que se encontrava dispersa, principalmente no vale do grande rio, estava cercada por uma imensa população indígena.

A entrada dos bandeirantes paulistas e a expansão dos currais foram marcadas por guerras de extermínio contra as populações nativas. A dizimação, a escravização e a conversão indígena, característica de todo o período colonial, evidencia a lógica do dominante. O massacre foi evidente.

Toda a região, a qual a cidade de Januária está inserida, na sua longa história, conta com inúmeros focos de sobrevivência de culturas seculares. A comunidade de Água Doce, por exemplo, no município Bonito de Minas, surpreende naquilo que conserva de tradicional. Saul Martins,

folclorista e filho da terra, inúmeras vezes, descreveu Água Doce em seus estudos sobre folclore, as suas tradições, benzeções, feitiços, *causos* e lendas. Os remanescentes que lá se encontram venceram a passagem de vários séculos. Vivendo, praticamente, isoladas, essa comunidade, assim como inúmeras outras encontradas na região do morro da Tabua, está agrupada no entorno de veredas, tal como o sertão descrito por Guimarães Rosa.

As dificuldades de acesso e deslocamento a esses lugares, mesmo nos dias atuais, permite a existência de práticas tradicionais. Mantendo-se quase que exclusivamente da subsistência, a sua relação com a natureza é a do extrativismo, da agricultura de subsistência e do gado. Uma comunidade que guarda segredos de escravos, indígenas, portugueses, ciganos, mascates, tropeiros, cangaceiros e quantos outros que passaram pelas estradas que ligam Minas, Goiás e Bahia.

Os lundus que dona Sebastiana^{xi} batuca sobre um tamborete, nos remetem as cantigas das senzalas e terreiros coloniais. Nos quintais as árvores frutíferas dividem o espaço com as estacas utilizadas na produção de sestarias, onde se fabricam esteiras de folhas de buriti ou babaçu. As árvores do pomar devem ser sempre em número de dois, um macho e uma fêmea, o que explica dois pés de cada fruta que tem no quintal. A casa de farinha, com todos os seus apetrechos, é de uso coletivo. Essa comunidade, que guarda tradições seculares, nos permite visualizar as raízes fundantes da cultura sertaneja.

Nesse cenário, é marcante a simbiose do povo brasileiro, influência de costumes e tradições indígena, africana e européia. Essa simbiose se expressa nos hábitos alimentares (a mandioca, o feijão, a farinha de puba, o doce de buriti, a carne de sol, nos alambiques seculares, nos pequiizeiros e frutos do cerrado encontrados *nos gerais*) e nas crenças e festas populares (as folias, as danças, os reisados e vaquejadas). São estas referências que nos permite ler o encontro desses diferentes povos.

São inúmeras as manifestações populares que ainda hoje são ritualizadas no cotidiano da cidade. Em toda a região do Norte de Minas pudemos identificar diversos tipos de expressões populares: a Dança de São Gonçalo, a Folia de Reis, a Dança das Pastorinhas, as Cavalhadas, a Fogueira (festa Junina) com suas quadrilhas, as caretas e tantas outras, O que passa

desapercebido para uns, é para outros é a sua própria vida. A folia de reis é uma das festas que sobrevivem com mais força à dessacralização da sociedade contemporânea. Os reisados são vários: o Reis dos Temerosos (ou rei dos cacetes), o Reis de Bois e o Reis de Caixa. É emocionante uma apresentação de folia de Reis de Bois: vários tambores desfilam pelas ruas da cidade com diversas crianças à sua volta (denominados vaqueiros) que, com seus bastões provocam os personagens alegóricos que compõem o grupo. Devidamente estilizados em coloridas indumentárias, as crianças cantam quando entra na roda Catita, um dos personagens da festa: “*eu vi o sol, eu vi a lua, eu vi a Catita no meio da rua ...*”. São vários os personagens desse folguedo, o Tamanduá, a Mulinha de Ouro, a Catita e o Boi, uma das brincadeiras da folia que promove uma correria entre a meninada é quando um dos personagens abraça as crianças que estão em volta da roda, e rolam com eles ao chão. Esses personagens povoam o imaginário infantil e adulto, que sempre se lembram das “correrias” do Boi.

Um outro tipo de reisado presente na cidade de Januária é o Reis dos Temerosos (ou Reis dos Cacetes). Um tipo de marujada de água doce, que remonta a reconquista da Península Ibérica, no final da Idade Média, e a expulsão dos mouros. Segundo relatos do capitão do grupo, dentre os que lutaram na expulsão dos árabes na Europa, haviam vários grupos, os que lutavam com espadas e os que lutavam com bastões, chamados vara-paus, estes representavam as mais camadas sociais mais baixas dos guerreiros. Desse modo, essa manifestação popular é uma representação da luta dos guerreiros que lutavam com os bastões.^{xii}

Essa manifestação está bem catalogada, o terno é bem estruturado e tem uma continuidade há, pelo menos, 50 anos. João Damasceno, capitão do grupo, nos relata que esta manifestação foi trazida da Bahia por um pescador chamado Demerval, passada à diante para Norberto Gonçalves, ou Berto Preto, um grande representante da cultura popular local. De acordo com Damasceno, o próprio Berto Preto seria o responsável pela criação dos grupos de Reis de Caixas, de Reis de Bois e do próprio Reis dos Temerosos, além de fazer a marcação da Dança de São Gonçalo.

O grupo Reis dos Temerosos é composto do capitão e dos dançadores, que fazem coreografias com os bastões. Sua indumentária é o próprio uniforme de marinheiro. Antes da saída do cortejo faz-se a oração inicial, canta-se a porta das casas, pedindo a permissão para a entrada

na casa; nas ruas eles se colocam enfileirados e entoam as marchas de rua. Na parte profana da festa, faz-se o samba de roda, depois faz-se a retirada pedindo proteção para que a festa aconteça no ano seguinte.

Os reisados são festejos que comemoram a visita dos três Reis Magos ao Menino Jesus. O ritual inicia-se ao final do mês de dezembro, quando começa a arrecadação dos produtos para o leilão, e termina no início do mês de janeiro, quando se comemora o dia dos Santos Reis em 06 de Janeiro, isso oficialmente, porque geralmente, essas festas entram pelo janeiro adentro.

O mais comovente nesse tipo de expressão é o fato de que em Januária a perpetuação dessa manifestação está nas mãos de crianças, que animadamente todos os anos se entregam a folia e ao festar. O mesmo ocorre nas "caretas", uma brincadeira que ocorre no Sábado de aleluia: adolescentes e adultos vestidos com máscaras correm atrás das crianças, com uma cinta, ou uma corda para dar-lhes a surra merecida por todas as travessuras cometidas no ano, "*perna pra que te quero*".

Apesar de grande parte das representações da cultura popular se encontrar dispersa e caindo em desuso, existe uma preocupação institucional em organizar essas expressões. Nesse sentido, durante o mês de agosto, em um evento denominado "Festas de Agosto de Montes Claros", reúnem-se inúmeros grupos de "folclore" na cidade de Montes Claros, em um festival que dura uma semana, em que participam grupos de toda a região. Durante o mês de agosto de 2004, ocorreu a presença de diversas danças como: a dança do quebra-pote, a dança de São Gonçalo, caixeiros grotubanos, a dança da roxa e a dança do facão, além de vários grupos de folia de reis, pastorinhas, catopês, congos, caboclinhos e marujadas. Esse evento é uma tradição da cidade. De acordo com relatos obtidos informalmente, apuramos que esta festa ocorre há mais de 100 anos. Estas festas tradicionalmente ocorriam nesse período para homenagear Nossa Senhora do Rosário e o Divino Espírito Santo, com a presença de marujadas, caboclinhos e catopês. Até que foi "apropriada" pelos poderes públicos e, hoje, ela é patrocinada pela Secretaria Municipal de Cultura. A institucionalização da festa estabeleceu novas normas e espaços de circulação dos seus personagens.

Esse evento expressa o processo de visibilidade que as diversas manifestações populares tem adquirido nestes últimos anos, fenômeno global, em que a região norte mineira é privilegiada. Em Januária, especificamente, percebemos um maior interesse em políticas de incentivo ao turismo. Essas políticas têm tratado a cultura popular como um “produto” capaz de garantir o exótico, aquilo que já não encontramos nos grandes centros urbanos. No nosso entendimento, esse tipo de intervenção artificializa o ritual, é o que consideramos *folclorização* da cultura popular.

Em Montes Claros é o poder público quem organiza a semana do folclore, e em outros casos, geralmente, são as escolas as responsáveis por trazer os grupos e organizar as apresentações. Em Januária o SESC/Laces é que tem garantido o patrocínio de vários ternos de folias. Essa relação expressa o movimento de folclorização, ou congelamento, da cultura popular, quando os poderes públicos ou privados assumem a manutenção dessas festas, ganhando assim, ares de espetáculo. Esse é um dos fatores que muito nos intriga, no que se refere às representações da cultura popular no Norte de Minas. Será possível que o espaço institucional seja o último lugar de sobrevivência de determinadas práticas culturais?

Essa relação entre o poder e a cultura, pode ser pensada pelo viés da resistência. Segundo as análises de Certeau:

A ordem efetiva das coisas é justamente aquilo que as táticas “populares” desviam para fins próprios, sem a ilusão que mude proximamente. Enquanto é explorada por um poder dominante, ou simplesmente negada por um discurso ideológico, aqui a ordem é ‘representada’ por uma arte. Na instituição a servir se insinuam assim um estilo de trocas sociais, um estilo de invenções técnicas e um estilo de resistência moral ... A cultura “popular” seria isto, e não um corpo considerado estranho, estraçalhado a fim de ser exposto, tratado e “citado” por um sistema que reproduz, com os seus objetos, a situação que impõe aos vivos.^{xiii}

A cultura popular tal como nos esclarece Certeau, longe de ser uma forma de alienação, está carregada de intenções, é uma *tática de resistência*, em que não contando com um lugar que lhe é próprio, utiliza-se das *armas do outro* para continuar existindo. Sendo assim, permitir o patrocínio dessa festa popular pelos poderes públicos não implica a sua total submissão. Longe disso:

Sem sair do lugar onde tem que viver e que lhe impõe uma lei, ele aí instaura uma “pluralidade” e criatividade. Por uma arte de intermediação ele tira daí efeitos imprevistos.^{xiv}

Dessa forma, temos como hipótese que o que chamamos de *folclorização* da cultura popular é uma expressão da própria modernidade, que não permite coexistir a cultura popular. Somente circulando em espaços criados artificialmente para mantê-la sob a vigilância do poder instituído, em um universo que impõe a padronização de valores e comportamentos. Os tambores, as roupas coloridas, o sagrado e o profano caminhando juntos, são aspectos que não foram totalmente aniquilados nesse processo de negação do outro. Este é o sintoma de que ainda existe/persiste uma forma de reconhecimento desse 'outro', uma forma de identidade regional.

Esse estudo se coloca mais no âmbito da etnografia do que das problemas historiográficas, propriamente dita, no entanto, essa é uma maneira de perceber quais as práticas de cultura popular estão presentes na região recortada, já que a carência de estudos críticos nessa área não nos permite um diálogo com a produção existente. Esses são os resultados parciais desse estudo que acreditamos imprescindível para a visualização das práticas e formas de manifestações da cultura popular que ainda resistem no Norte de Minas Gerais.

ⁱ Mestre em História Cultural pelo IH/UFU. Professora do Curso de História do Centro de Educação Integrada Do Vale do São Francisco (CEIVA, Januária - MG)

ⁱⁱ ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão**: veredas. 19. ed. RJ: Nova Fronteira, 2001.

ⁱⁱⁱ ANDRADE, Manuel C.de. **A Problemática das Secas**. Recife: EDUFPE. 2001.

^{iv} Esta é uma designação indígena para o que hoje chamamos Rio São Francisco, que quer dizer o rio mar.

^v ESCOBAR, Suzana Alves. **Educação Indígena Xakriabá**: saberes e lutas na vida e na voz do seu povo. In: Dissertação de Mestrado, UFU, Uberlândia, 2004. Departamento de Educação. p. 33.

^{vi} MATA-MACHADO, Bernardo. **História do Sertão Noroeste de Minas Gerais - 1690-1930**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1991, p. 37.

^{vii} Incluir as definições de Sertão

^{viii} ABREU, J. Capistrano de. **Capítulos de História Colonial (1500-1800)**. 6. Ed. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, INP, 1976 p. 127.

^{ix} SAINT-HILAIRE, Augusto de. **Viagens pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais**. Belo Horizonte, Itatiaia/USP, 1975, p. 313.

^x MATA-MACHADO. Op, cit.p. 37.

^{xi} Trabalho de campo realizado em Água Doce, nos dias 07, 08 e 09 de setembro de 2005, D. Sebastiana é uma das mais antigas moradoras de Água Doce, no entanto, não nos concedeu entrevista, tampouco, pudemos colher os seus dados pessoais.

^{xii} DAMASCENO, João. **Depoimento**. Januária, 16/04/2005.

^{xiii} CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. Tradução Epharaim Ferreira Alves. 6ª edição. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 89.

^{xiv} CERTEAU, Op. Cit. P. 93.